

Editorial

Quando a psicanálise atravessa a escola, o que se colhe não são métodos, não são tratamentos analíticos de alunos e professores, nem discussões teórico-conceituais. Quando a psicanálise atravessa a escola, faz escutar, de ângulos pouco usuais, a fala dos professores. Faz também falarem os alunos, em conversas sobre o cotidiano na escola, ou quando são acompanhados pelos ATs - acompanhantes terapêuticos - dentro do espaço escolar. Mais ainda, os pais também encontram um lugar de fala que se diferencia daquele do professor.

Esse atravessamento não é aquele de uma espada fazendo um corte sobre um corpo, embora possa ser algumas vezes bem cortante. É, ao contrário, curvilíneo, diverso, não programado por métodos definidos *a priori*, e percorre instâncias diversas, insinua-se, penetra nos recantos onde os sujeitos se escondem para não falar e, assim, sacode-os da inércia institucional a que a resistência os condena.

Os praticantes desse atravessamento produzem um encontro entre discursos - o da psicanálise e o escolar -, que transforma a ambos. Os teóricos precisarão depois dar conta do que essa interpenetração significa tanto para a psicanálise como para a educação, mas por ora ficamos com os relatos trazidos por *Estilos*, esperando que seus ecos ajudem na necessária retomada das tarefas educativas, às quais não poucas vezes renunciamos no mundo de hoje.

. . .

Nesta décima primeira edição, *Estilos* inaugura um novo estilo de capa. Mas não poderia deixar de agradecer a Sílvia Ribeiro, *designer* das primeiras capas, que marcou de modo indelével a *Estilos* com seu estilo. ■

Os editores